

JESUS - O MISTÉRIO DO HERÓI

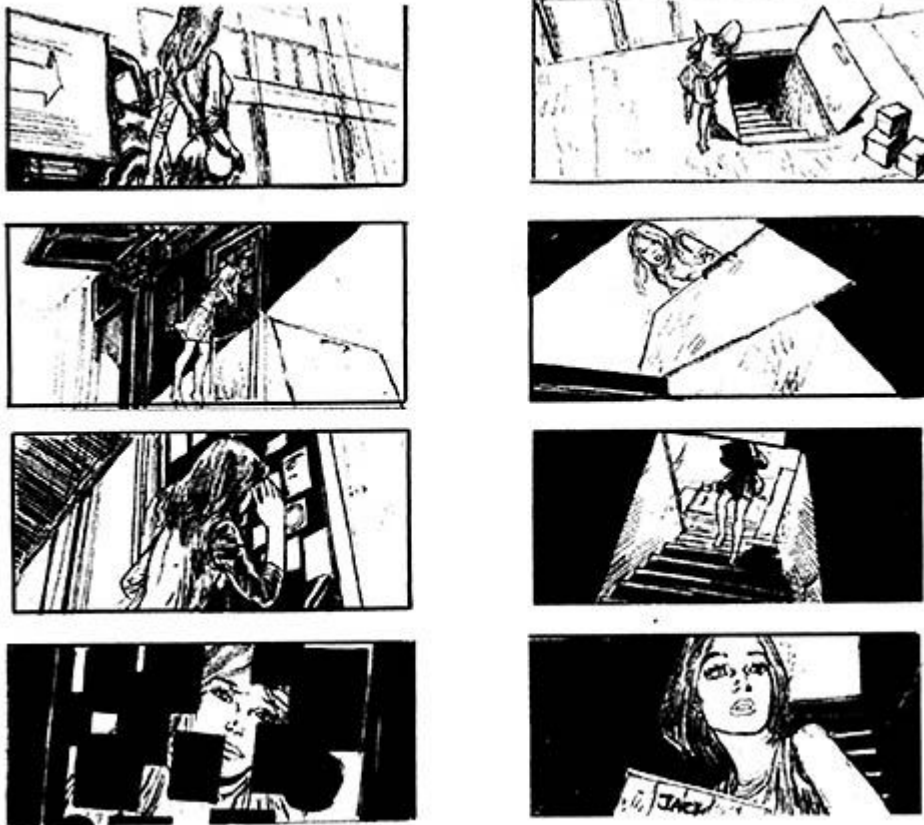


Salmos 45...

2 És dos seres humanos o mais notável; derramou-se graça em teus lábios, visto que o Altíssimo te abençoou para sempre. 3 Mantém a espada à cintura, **ó herói!** Cobre-te de esplendor e majestade. 4 Em tua majestade, cavalga vitoriosamente pela verdade, pela misericórdia e pela justiça; que a tua mão direita realize feitos portentosos....

Wellington Corporation

A ponte entre a literatura e o cinema é em grande parte resultado das tiras em quadrinhos. Mesmo quando a inspiração dos heróis cinematográficos não são de origem quadrinística, a técnica básica de posicionamento/enquadramento das cenas passa quase que sempre pelos quadrinhos, o famoso “story board”



A identidade do herói muitas vezes é encoberta em mistérios, usando para esconder ou simbolizar o “mistério” que envolve o herói expedientes como disfarces, Batman, Superman, etc. A preservação da identidade é as vezes algo decisivo, batalhas épicas são geradas pelos inimigos em busca dessa identidade. Um seriado icônico sobre “mistério da identidade” seria a serie da BBC Doctor WHO



Onde desde de 1969 a data de criação do seriado o maior segredo do mesmo é a identidade, ao menos, o nome do protagonista da serie, tão cercado de mistérios que é guardado numa outra galáxia.

O herói se destaca da multidão pelos trajes que usa, um resquício dos príncipes, sacerdotes e magos da antiguidade cujas vestimentas os identificavam imediatamente no meio da multidão, nos quadrinhos essa dimensão lúdica dos personagens é conferida através do denominado “uniforme”. Mesmo os antigos detetives da literatura já possuíam elementos que os tornavam imediatamente identificáveis pelos leitores. Até os elementos que compõem o personagem tornavam-se marcas registradas do mesmo, tais como o chapéu e cachimbo de Sherlock Holmes, ou a bengala de Dr. House, seriado que transpõe Sherlock Holmes para a pele de um médico mal-humorado, porém brilhante. Como componente básico do herói compreendemos sua inteligência ou seu brilhantismo. Essa idéia permanece nos dias atuais através da ciência, ou do brilhantismo científico em muitos heróis, um subproduto da valorização moderna do saber científico. Traços marcantes da personalidade de heróis como Homem-Aranha, um gênio da química, do Senhor Fantástico ou Tony Stark, vulgo homem de ferro. Quando o personagem é mágico, a “sabedoria” ou brilhantismo do personagem é transportado para seu universo, como no caso de Dr. Estranho, um expert em artes místicas. A “inteligência” pode ser a extrema capacidade ou saber especializado em artes marciais, estratégias de batalhas ou capacidade de investigação como de Batman. Nos heróis asiáticos dos Animes e Mangas há várias referências que lembram “nobreza” até nos títulos dos primeiros animes. “Príncipe do espaço” ou “príncipe planeta”.



A identificação do “príncipe” ou principal, do personagem de , origem real, parentesco sublime, mítico ou nobre é uma constante na mítica do cinema e dos quadrinhos japoneses.



Ultraseven, um dos primeiros ‘gigantes’ extraterrestres da família “ultra” oriundo do espaço é um guerreiro que representa antigos samurais ou príncipes-guerreiros do imaginário



nipônico. O Seiya do famoso “Cavaleiros do Zodíaco” é outro representante que é o “príncipe” do seriado, destacando-se como principal por sua nobreza desde os primeiros capítulos do seriados.

Essa identidade do herói com o príncipe herdeiro ou príncipe-guerreiro do passado vem de encontro á várias tradições ao redor do mundo onde as guerras das nações eram conquistadas com o auxílio dos reis assessorado pelos seus filhos, que acompanhavam o soberano em suas batalhas, muitas vezes sendo eles designados como comandantes ou generais. Este costume pode ser visto no livro de Samuel nas inúmeras batalhas em que Saul é acompanhado do filho Jonatas.

Essa “sabedoria” ou “inteligência” que caracteriza o herói pode ser representado por sagacidade ou esperteza, a famosa “MÉTIS” da mitologia grega, que concede velocidade de compreender situações com respostas surpreendentes, onde o herói tira proveito ainda que em desvantagem virando um “jogo” perdido em seu favor através de uma saída irreverente, inaudita, escondida dos olhos do adversário. A sagacidade é uma das virtudes que ilustra dois personagens bíblicos em especial, Sansão, que elabora enigmas espetaculares numa festa de casamento com base numa experiência incomum - e Salomão que concede uma “sentença impossível” no caso das prostitutas.

Vejam! O Soberano, o Senhor dos Exércitos, logo irá retirar de Jerusalém e de Judá todo o seu sustento, tanto o suprimento de comida como o suprimento de água e também o herói e o guerreiro, o juiz e o profeta, o adivinho e a autoridade, o capitão e o nobre, o conselheiro, o conhecedor de magia e o perito em maldições. Isaías 3.1-3

Numa profecia em Isaías podemos ver o “parentesco” da profissão de herói e outros personagens ou funções da antiguidade. Herói, Guerreiro, Juiz, Profeta, Adivinho, Autoridade, Capitão, Nobre, Conselheiro, Especialista em magia e o Perito em Maldições. Todos esses personagens estarão presentes em muitas literaturas da antiguidade e em muitos momentos serão os personagens principais e de seus atos dependerá a sobrevivência ou a morte de uma comunidade. Apesar de não considerarmos ao “perito em maldições” o que idealizamos como herói, Balaão é pérfido, mas agirá como um “herói” para os Moabitas se conseguir “amaldiçoar” aos odiosos israelitas. Moisés é um profeta mas para os egípcios ele é um “perito em maldições”, porque todas as pragas que profetizou se cumpriram cabalmente. E a ultima profecia é uma maldição terrível e dolorosa, a morte dos primogênitos. A ética da antiguidade possui alguns “desvios” com relação a ética moderna, o ideal heroico nem sempre se iguala em justiça ou “bondade” que esperaríamos de um. Mas não deixamos de considerar um herói em virtude de sua imperfeição.

“É verdade que o herói tem um amplo espaço na literatura. O poeta dá forma artística às crenças, aos mitos, aos anseios e desejos coletivos. A primeira forma que o herói atingiu na literatura foi a épica e seu maior poeta foi o grego Homero. Ele era cego, morava na região da Jônia, no século VIII a. C., e transmitia oralmente as sagas heróicas do povo grego que reuniam em duas obras primas a *Ilíada* e a *Odisséia*. Na *Ilíada* estão narrados acontecimentos que envolvem o último ano da guerra de Tróia, cujo herói principal é Aquiles. A *Odisséia* narra o retorno do herói Ulisses para o lar, após a guerra de Tróia. Os dois heróis são mitológicos e fazem parte da crença popular que conseqüentemente os tornou heróis épicos pela criação que o poeta Homero lhes deu. Vale ressaltar que as respectivas obras são datadas do século VIII – VII a. C., e portanto, as mais antigas referências ordenadas sobre mitos que certamente já eram parte da sociedade grega a mais de quatro séculos antes de serem registradas por escrito.”, como explicado por José Rosamilton e Ivanaldo Oliveira.

Porém o mito do herói é anterior a Homero e aos gregos. Seja nas tradições africanas, o dos povos que deram origem a Índia, retratando seus heróis nos antiquíssimos Vedas, nas poesias e cânticos sagrados dos escandinavos, nas canções da antiguidade árabe, nas tradições das tribos americanas, ou em contos do antigo Egito, subindo as montanhas dos Andes e ouvindo antigos contos que remontam às civilizações andinas, como a Inca, ou nas lendas de diversas tribos brasileiras, o herói esta sempre presente. A imagem do herói é um símbolo que atinge a modernidade, sendo atualmente protagonizado no cinema através de alguns personagens característicos, sendo o principal o “super-herói”. Durante a primeira guerra mundial ele era o mito que estava por detrás dos nobres que protagonizaram as primeiras batalhas aéreas da história. O Barão Vermelho recusava-se a lutar contra oponentes que não pudessem se defender ou que tivesse terminado com sua munição. Delmo de Oliveira Arguelhes na tese **Sob o céu das Valquírias** cita que Huizinga, autor de **Homo ludens**, estabeleceu conexões entre a guerra e o jogo, sendo este definido como:

uma atividade voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, [o jogo é] dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana.

A luta travada de acordo com regras explícitas e tácitas, na qual os antagonistas se reconhecem como iguais, possui um caráter inegavelmente lúdico. As alusões aos jogos como combates e combates como jogos são antigas e numerosas. Ao tratar das causas das guerras, Huizinga se interessa menos pelas motivações políticas e econômicas do que pelo “orgulho e o desejo de glória e prestígio e de todas as pompas de superioridade.” Para esse autor, a prática da guerra total ergue uma barreira entre o bellum e o ludens. Na tradição literária ocidental, inaugurada por Homero, a guerra se associa intimamente ao heroísmo e o guerreiro perfeito é, por excelência, a figura que encarna o herói. Agraciar com medalhas e outros prêmios os soldados que se distinguem por um desempenho bélico que vai além do simples cumprimento do dever foi, tradicionalmente, uma maneira de alimentar essa associação. Uma das definições mais comuns de heroísmo, desde a Grécia antiga, refere-se a feitos guerreiros extraordinários, praticados por aqueles que “procuravam e mereciam honra”. Na mitologia germânica, os guerreiros que tombavam em combate

mereciam uma honra indelével. As valquírias, figuras femininas que montavam cavalos alados, recolhiam esses combatentes e os levavam para o paraíso germânico, o Valhala. Lá eles compartilhavam a mesa de banquetes com Odín por toda a eternidade.

Marcel Detienne narra que uma das funções dos poetas gregos era de tecer odes ou louvores aos que se sobressaíam em suas atividades, conquistas e ato de honra e que dentro da sociedade grega esse “louvor” não era uma convenção sem valor, era uma necessidade social. A memória ou honra pública era uma necessidade social, feitos deveriam ser lembrados e comentados, nas festividades, nas reuniões, nos simpósios que eram jantares que os atenienses se reuniam. Era inconcebível na mentalidade grega que o ato nobre, qual a atitude que beneficiou a outrem não fosse nomeada, louvada, honrada. Tanto os feitos maus ou desonrosos deveriam ser anunciados para reprovação e vergonha como os atos bons e heroicos deveriam receber a aprovação, a admiração de todos. O esquecimento, o silêncio sobre o comportamento dos nobres não era uma opção. O poeta na antiguidade era também um mensageiro divino, ligado aos oráculos, muitas vezes exercendo a função de adivinho ou de profeta. Na medida que as cidades gregas se afastavam de um contato maior com as divindades e com os locais sagrados, os oráculos, os poetas adquiriram outras funções além de hinos às divindades, iniciaram a cantar ou tecer louvores aos atos dos governantes, dos nobres e até das pessoas comuns. A poesia e os poetas eram representados pelas lendas das Musas. Elas são filhas de Memória. [...] no panteão grego, a Memória, ‘Mnemosyne’, é uma deusa, filha de Urano e de Gaia, irmã de Chronos e de Oceanos. Zeus teria se unido 9 vezes a “Mnemosyne e dado luz a 9 Musas que representariam a inteligência, as ciências, ao saber e as artes. — a Memória é simbolicamente, filha do céu e da terra, irmã do tempo e do oceano: todas, metáforas de coisas infinitas. “Sobrinha” de Chronos, a representação titânica do tempo que a tudo devora, e de Okeanos, o pai dos rios e das ninfas oceânicas - Mnemosyne seria a divindade da enumeração – a Musa que enumera as coisas, que as nomeia - frente aos perigos do **esquecimento** que na cosmogonia grega aparece como um rio, o Lethe, um rio a cruzar para a morada dos mortos (de onde vem a palavra “letal” - esquecimento), o Hades. O rio Lethe de onde “as almas bebiam sua água quando estavam prestes a reencarnarem – os gregos acreditavam na reencarnação - e por isso esqueciam sua existência anterior”. Mnemosyne, mãe das Musas, é aquela que preserva do esquecimento, do Lethe desintegrador, água letal e infecunda. A poesia grega era designada como “aletheia” - desvendamento e verdade Toda grande poesia é de certo modo a revelação de uma verdade oculta. Memória e invenção, ao serem personificadas como mulheres, carregariam, na cosmogonia grega, os poderes da conservação identificados ao comportamento feminino. Mnemosyne é mãe das musas, deusas da literatura e das artes (inclui-se também as ciências) Na Antiguidade, acreditava-se que a totalidade das artes e das ciências humanas estivessem personificadas nas nove musas.

Esquecimento para a mentalidade grega era algo relacionado a morte. Daí a importância do “tributar louvor” aos atos que se não fossem lembrados estariam legados ao esquecimento, que era algo similar à morte. Os gregos sentiam-se vivos enquanto estivessem sendo homenageados e lembrados. Os heróis em todas as culturas foram divinizados, o continuo louvor aos seus feitos heroicos os tornou semelhante aos deuses. Muitos heróis lendários dos gregos tornaram-se deuses possuindo templos e cultos de

adoração, tal como Hércules, ou Herácles. Na Sicília ainda existem ruínas de um dos templos de Hércules da antiguidade grega. Os heróis são a base de quase toda a literatura em suas inúmeras personificações. Eles abrangem a ficção, o romantismo, o romance histórico, e mesmo obras de caráter social e até político. Está presente nos círculos acadêmicos com outros atributos, são os cientistas a quem se atribuem grandes descobertas, são os matemáticos, sociólogos e escritores de renome. Não importa o ramo do saber humano, o herói sempre está presente, mudando somente seus “poderes” ou o objeto que em suas mãos ou psique, o conduzirá a “vencer” um grande obstáculo. Todo ser humano que consegue superar um tremendo obstáculo, exerce transitoriamente o mito do herói, por isso é impossível desvencilhar a essência do heroísmo da atividade humana. Ou da psique humana. A admiração da criança com os atos de seus pais, da menina com a beleza, a inteligência ou as vestes de sua mãe, a criança que admira a força de seu pai, ou a habilidade de realizar coisas que só será capaz de fazer quando amadurecer – o herói é um símbolo inerente ao espírito humano, que se desdobra no patamar mítico, literário, social, religioso, acadêmico e mágico. Podemos ver nos heróis da antiguidade e da modernidade características que lhe concedem o título:

- A capacidade de não desistir diante da dificuldade
- Suportar grande sofrimento com dignidade
- Fazer o impossível ainda que com poucos recursos à sua mão
- Ser vitorioso ainda que lutando contra adversários mais numerosos e aparentemente mais poderosos
- Suplantar as diferenças sociais, o ostracismo, ser mais digno do que se esperava de sua condição de nascimento
- Realizar um feito inesquecível, memorável, digno de ser lembrado e louvado
- Possui uma dignidade superior, que o adorna e o torna um ser humano formoso, a quem se deseja imitar
- Seus atos salvam, preservam a vida de outros
- Ele é movido por sentimentos nobres e muitas vezes por uma amor maravilhoso
- Ele está disposto a morrer para salvar a vida de um amigo
- Ele não teme ou mesmo temendo o que enfrentará não recua diante do que aterrorizaria e até paralisaria uma pessoa comum
- Ele é inteligentíssimo, sagaz, solucionando situações difíceis, desvendando segredos, abrindo caminho em meio a mistérios
- Ele é fiel, de idoneidade inigualável, ele não trai, ainda que sobre afronta, dor, humilhação.
- Ele não mente, não volta atrás com sua palavra, fazendo o que prometeu custe o que custar

- Ele acredita que vencerá mesmo lutando contra forças sobrenaturais, ou além da imaginação

- Ele é consciente de suas fraquezas e não desiste de lutar ainda que elas possam destruí-lo,

Dentro deste contexto cada sociedade possuiu um escopo de virtudes que esperava de seus heróis. Os heróis míticos possuíam ainda uma série de características que os colocavam num patamar de exclusividade.

- Seus nascimentos eram anunciados de antemão, anos antes que viessem a nascer.

- Seus nascimentos eram cercados de eventos e circunstâncias sobrenaturais que fortaleciam a crença em um destino glorioso

- Nasciam com uma missão atribuída por deuses ou de origem celestial.

- Realizariam feitos que somente eles seriam capazes de realizar na terra em sua época.

- Antes que viessem ao mundo nenhum outro homem poderia realizar aquilo ao que estavam destinados a fazer.

- Eles seriam capacitados pelos deuses com as capacidades necessárias, inteligência, força, poderes espirituais ou mágicos, destreza, habilidades específicas, atributos que seriam essenciais para realização de suas tarefas impossíveis.

- Haveria um tempo de preparo que antecederia a época da realização de seus grandes feitos.

- Quanto mais assombrosa sua proeza, maior a grandeza do herói.

Os heróis normalmente eram desprezados de início, eles nasceriam de castas inferiores no caso das lendas hindus, ou de condição social inferior, como Jeftá que é filho de uma prostituta, e lidera um exército na vitória contra os midianitas. Os heróis são vitoriosos contra coisas terríveis, independente da honra ou dignidade atribuída a sua condição de nascimento. O herói muitas vezes nascia pobre, desconsiderado e era elevado a uma posição de extrema grandeza. Como José do Egito que é elevado a condição de Grão Vizir ou Primeiro Ministro do Egito, Davi que era pastor de ovelhas e é feito Rei de Israel, Sansão que é filho de um fazendeiro pobre da região onde a tribo de Dã habita e se torna o mais famoso dos heróis hebraicos. Conveniente dizer que os Aqueus que são uma tribo que faz parte dos cinco principais povos que formarão a civilização grega teve grande transação comercial com a tribo de Dã. E que é grande a possibilidade de que Herácles – Sol em grego, tenha sua lenda recontada a partir dos feitos de Sansão – Pequeno sol – em hebraico. A outra característica excepcional do herói sofrer o dano, o prejuízo, para que a honra ou a dignidade alheia de quem ele ama, seja preservada. José quando descobre que Maria está grávida tem a intenção de deixá-la secretamente, porque sendo a moça sua noiva estava prometida a ele e compreendendo que ela havia adulterado se ele reclama sua dignidade ofendida expõe sua amada ao risco do apedrejamento ou no mínimo do ostracismo ou rejeição completa do seio de sua comunidade. Ele escolhe o mais difícil caminho, assumir em silêncio a paternidade e a covardia de abandonar uma menina grávida

em Israel, sendo difamado pelo resto de sua vida, sendo excluído, um anátema, do que expor, apesar de sentir-se traído, a moça que ainda ama.

A partir destas premissas podemos compreender a identidade do herói celestial, do Messias, a identidade escondida, do maior de todos os heróis.

Isaías 9:6

Afinal, um menino nos nasceu, um filho nos foi concedido, e o governo está sobre os seus ombros. Ele será chamado Conselheiro-Maravilhoso, Deus Todo Poderoso, Pai-Eterno; Sar-Shalom, Príncipe-da-paz.

Príncipe chamado antes do nascimento, coragem que o levará ao flagelo e a morte. Sua proeza será religar a terra ao céu e destruir a muralha de inimizade que separa o ser humano de Deus. Nascerá pobre, de origem humilde, porém seu nascimento será de origem sobrenatural sendo ele “semente de mulher” sendo anunciado tanto por milenares profecias, centenas delas, como por revelação direta de um emissário celestial, um anjo. Ele sozinho enfrentará o impossível, não tendo suporte humano no qual pudesse confiar. Enfrentará a dolorosa rejeição de seu povo, a incompreensão de seus familiares, a rejeição do sacerdócio que deveria servi-lo. Ele entrará na sua casa, no templo que lhe foi roubado pela tradição oral e pelos corruptos sacerdotes que transformaram uma mensagem sublime em um torpe comércio. Ele manifestará poderes desconhecidos na terra e abalará estruturas malignas invisíveis exercendo tamanha autoridade que demônios serão expulsos por simples ordens de sua boca. O segredo guardado no coração de Cristo era incomensurável, sua identidade o maior mistérios de toda a eternidade. Sua origem exatamente a esperada para um herói tão maravilhoso, divina. Sua missão concedida pela mais alta comissão, pelo próprio Deus, seu destino uma escolha que não lhe pertencia, sendo o único ser capacitado em todo o universo ou mesmo fora dele para cumpri-lo. Sua santidade absoluta. As distancias físicas e psíquicas que percorre são de ordem cósmica, esperava-se que o herói da antiguidade enfrentasse ou percorresse grandes distancias, mas nunca foi imaginado transpor as dimensões e mesmo um universo para enfrentar tão desigual batalha. Jesus enfrentaria um desconhecido numero de demônios, que se for próximo da métrica encontrada em Apocalipse, (milhares de milhares e milhões de milhões) já daria algo em torno de 600 bilhões de demônios. A diferença entre sua nobreza, filho do Deus vivo e sua condição humana, carpinteiro, nazareno, pobre é o maior contraste social que se poderia imaginar. Os sofrimentos de sua jornada são terríveis, incluem a rejeição de sua nação, a traição de um amigo, a tortura e a morte. Seu trabalho não para sequer na morte e ele percorre a mesma dimensão da morte dos mitos da antiguidade, descendo até a morte não como um espírito errante, mas como um poder tão grande que ele a abala de modo definitivo. Todos os heróis a muito custo, quando conseguiam, saíam da dimensão da morte após riscos incalculáveis, deixando-a mais ou menos incólume. Jesus a destrói, a corrompe, muda todas as realidades invisíveis e ainda trás nas mãos o domínio sobre a morte no mundo, quando revela em Apocalipse ter as chaves da morte e do inferno. Jesus

desce até o Lethe, mas é o rio do esquecimento que bebe dele e quando retorna promete que em breve o Lethe haverá de secar. Ele realiza um ato sagrado tão poderoso que Mnemosyne o estabelece pra sempre, como verdade suprema, a Alheteia nunca mais será a mesma depois do que Jesus faz. Os atos de Jesus são tão dignos de louvor que os anjos proclamam um cântico sobre sua vitória eterna. Jesus é o cumprimento do mito do herói, nele se reúnem todas as características para admiração de todos os povos da antiguidade, para que não mais divinizassem figuras míticas e de ficção, heróis literários e frutos da imaginação humana, ou de homens de feitos espetaculares do passado, mas que jamais poderiam se igualar aos tremendos feitos de Jesus. Jesus ultrapassa as expectativas, as realizações, os arquétipos, os motivos de louvor, a profundidade e significância dos feitos dos heróis e deuses da antiguidade, para que a ele fosse tributado a honra devida, para que o mundo o reconheça como “o mais notável dentre os filhos dos homens”.

Jesus que ama a Igreja, que ama a Humanidade, por ela é traída, vendida por 30 moedas, como um assassino para uma morte tremenda. Ele tinha a sabedoria e a inteligência necessária para livra-se da condenação. Ele poderia anular a condenação injusta que caía sobre ele, usando a Herodes e a Pilatos que tinham autoridade sobre o Sinédrio. Mas se faz isso, seria como José que entrega sua amada ao apedrejamento. A salvação da moça Humanidade dependia de sua coragem absurda e de seu silêncio. Por isso como um ovelha muda ele não abriu a boca diante de seus acusadores.

Porque o herói sabia que nem mesmo a morte seria capaz de impedir o que ele estava para fazer.

Wellington Corporation